

# o jornal.

# tema

## EXPOSIÇÃO DE ANTONIO MANUEL

(de zero às 24 horas nas bancas de jornais)

Antônio Manuel é um artista plástico que se tornou conhecido por suas propostas ousadas. A mais conhecida, a mais comentada entre todas, aconteceu em 1970, quando ele resolveu que seu próprio corpo seria a obra. E o exibiu para um público entre curioso, divertido e estupefato. Agora, Antônio Manuel surge com outra proposta: está esgotado o ciclo das artes plásticas em galerias, em museus; se a arte, essencialmente, deve estar voltada para o público, para a massa, só terá sentido se feita através de um veículo de massa, de comunicação de massa. A partir dessa premissa, resolveu ele cancelar a exposição que deveria ter sido aberta anteontem no Museu de Arte Moderna do Rio, para que um jornal — O JORNAL, no caso — fosse a exposição. Um jornal-exposição. Uma exposição que só dura 24 horas, o tempo que dura um jornal nas bancas. É essa a proposta de Antônio Manuel. Que O JORNAL transmita ao público. Para que ele decida.

A LEITURA  
QUENTE DE PAIXÃO  
E DA MORTE

Detesto o sentido que as pessoas se obrigam de identificar ou encontrar semelhanças para uma atitude criativa. Essa tendência de racionalização de tudo, essa coisa mastigada, discursiva — detesto.

CAPIM —  
AOS INTELLECTUAIS

A coisa creio deve ser percebida, envolvida num todo. Perceber e sentir a coisa até a cabeça e armazenar-se no corpo. Explorar o processo evolutivo dele (corpo) sem retórica, e principalmente com a consciência do perigo de ser transformado num objeto.

Intellectual tem mesmo que pastar; capim para os intelectuais. Claro se estou pisando, vendo algo, devo me perguntar — mas basicamente não premeditar pensamentos que possam me afastar do sentir, em troca de uma racionalização — isso é uma pré-censura, algo mecânico a que estamos sendo transformados pela sociedade de consumo. O intelectual é uma peça de consumo, ou seja, neste contexto um objeto servindo ao consumo, peça preciosa e requintada, como essa arte que aí está, acrilizada e bonita, que chamam de vanguarda.

Me recuso a servir esse tipo de consumo, minhas coisas são vivas e evolutivas.

Meus trabalhos são as minhas vivências, marcas de minha carne. Não uma reprodução da carne, mas sim a coisa viva — todas com grande carga de totalidade, despojadas, profundas, profundamente cada passo de minha vida.

Detesto a representação, e creio que o criador hoje é aquele que pratica o que Mário Pedrosa chama de atividade-criatividade.

É muito diferente pintar um nu e ficar nu. O primeiro é uma representação, sem a menor carga emocional ou algo que se possa apreender-aprofundar. O outro é a coisa viva e vital, é o gesto carregado de uma carga emocional muito grande, capaz de seduzir e envolver criativamente. Detesto a coisa superficial, porque ela já traz na sua forma a coisa oficializada, a coisa à toa. Detesto a toa, mesmo os meios tons.

Quero a coisa viva, a corpura que pra mim tem a mesma densidade da corpura, ou seja; não existe diferença das cargas emocionais das duas vivências. A duas são uma coisa só, falo de totalidade.

A reprodução — essa não pode representar mais nada porque já nasce morta, amo a coisa viva, o sabor de receber essa coisa viva e incorporar de todas as formas, criativamente. E pra que reproduzi-la? pra que documentos? se eu posso guardá-la dentro de mim de uma maneira muito profunda.

Documentar uma vivência é uma grande perda de tempo, mas usar essa vivência criativamente é perfeito.

Somente a atividade, a ousadia poderá tirar do estado de morto.

Antonio Manuel





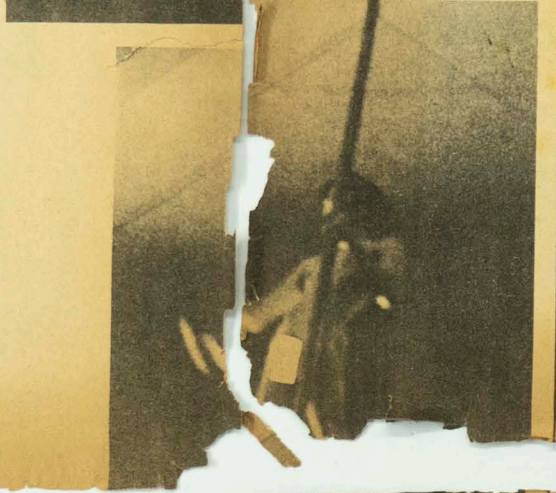
# QUEM É

Texto transcrito de gravador em maio de 1970 de conversa com Mário Pedrosa  
 Antônio Manuel  
 Hugo Denizart  
 Alex Varela  
 sob a apresentação de Antônio Manuel na abertura do Salão Nacional de Arte Moderna, como obra de arte.

MÁRIO - O seu gesto se apresentando como obra, fazendo o que você fez, desmanchou, mostrou que o refugamento do salão não tem a menor importância. E o fato de você não ser recebido, de não estar constando do regulamento - o que existe é a vida. Então a vida é maior que o regulamento.  
 ANTONIO - inclusive, você fala que a arte está voltada para a natureza. Que ela pré-existe na natureza. Há um sentido disso também.  
 MÁRIO - exato. É claro, o artista é sempre aquele que nunca perde o contato com a natureza. O engenheiro, isto é, os outros, perdem o contato. Agora, o artista é aquele que não perde o contato mesmo num outro plano, dentro das máquinas. Ele vê as coisas como uma relação direta - ele e o mundo. Ele e a realidade. Ele e a natureza.  
 ANTONIO - e inclusive, Mário, isto foi uma atitude pessoal, parece que com uso ou assassinio mil preconceitos, mil coisas acadêmicas.  
 MÁRIO - sem dúvida, claro. Você, com isso, levou adiante todo o processo da arte de despojamento que se faz - arte antiacadêmica, a arte despojada totalmente - deu uma conclusão magistral num salão típico da arte em si mesma: você desmanchou a mística, o mito de fazer arte assim, sem obra. Você voltou, depois, às origens. Não é só fonte da vida quando você bota espuma no óculo da mulher. Você voltou às origens, à fonte da relação do ego com o mundo, à fonte da sabedoria - da consciência - da criação.  
 Ontem falavam que você botou água

O fato de, hoje, você ter feito isso, sacode toda a perspectiva da arte, a discussão estética, a discussão ética, a discussão sobre arte. Discute tudo. E com uma autenticidade enorme. O que Antônio está fazendo é o exercício experimental de liberdade. Ele não está querendo dominar os outros. Ele está dizendo: "E assim é que é."  
 Autenticidade total, que é autenticidade criativa.  
 ANTONIO - é senti uma euforia - uma liberdade.  
 MÁRIO - é verdade, euforia quando você cria alguma coisa. Liberdade e criatividade são dois conceitos que vão juntos. Antônio cria e mostra todas as consequências de uma atitude de arte, de uma atitude de vanguarda, arte criativa, arte autêntica - o que se espera que seja arte - ele realizou isso, de uma maneira muito simples, e ao mesmo tempo radical.  
 Não adianta fazer arte do lixo, arte pobre, arte conceitual - todas essas formas. Está direito que faça, mas ele foi ao fundo desses problemas, para mostrar que se trata de uma incompatibilidade fundamental entre o homem e o ego, entre o ser e a sociedade de consumo de massa - a sociedade opressiva - que impede que a arte seja uma atividade legítima.  
 Então, eu acho essa coisa de Antônio fabulosa - o resto é brincadeira. E daí a importância do fato.  
 A coisa mais revolucionária que há é a criatividade.

É atividade criativa. A atividade criativa arranca o homem da sua condição de ser humano, ela põe sempre

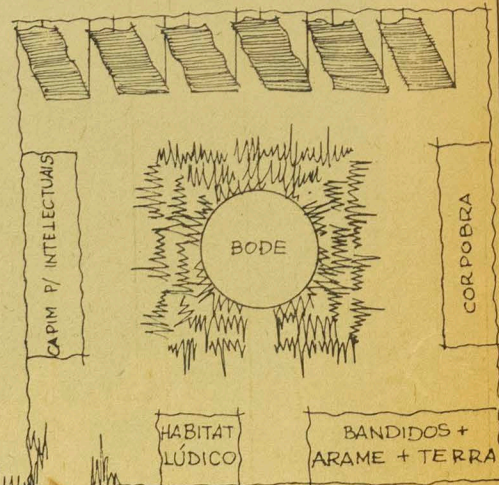


## A LEITURA QUENTE DE PAIXÃO E DA MORTE

Antônio Manuel trabalha o amor vencido do cotidiano. O jornal. Agora: manchete-dia; invenção remanetada. O tempo se prolonga para trás até os flans mensageiros; antes ainda, mais pra trás, na folhuda e transmutada em si-sucata, o suporte-nota, reduzido em áreas negras e figurinhas eretas povoando os cinzas-textos, anônimos e mudos como ícones acontecidos. O estigmatizado nas fotos-fetiches e na leitura de homem para homem quente ainda de paixão e da morte. O fio-gráfico sempre como alicerce do meio-plástico. Sempre o barulho das rotativas na gênese da informação. Qualquer. Desde que motive a eles. Ou outros. A grande euforia dos momentos coletivos. O coletivo como emblema. Depois, o singular, a anti-manchete: Mulher vampiro. Pintor mostra pos-arte. The cock of the golden egg. Pintor ensina Deus a pintar. Pedro de toque no sistema. A arribinha ao inverso. Mordendo o próprio rabo. Escorpão.  
 E botar ovos. Na noite o galo velho põe ovos. Inpatência. Deboche aos veículos que dramatizam o desidramatizado. Já era. Sangue e fezes. O momento exato da descoberta do CRIAR. E o viver re-vivendo, cada tempo-vida, primeiro presente e

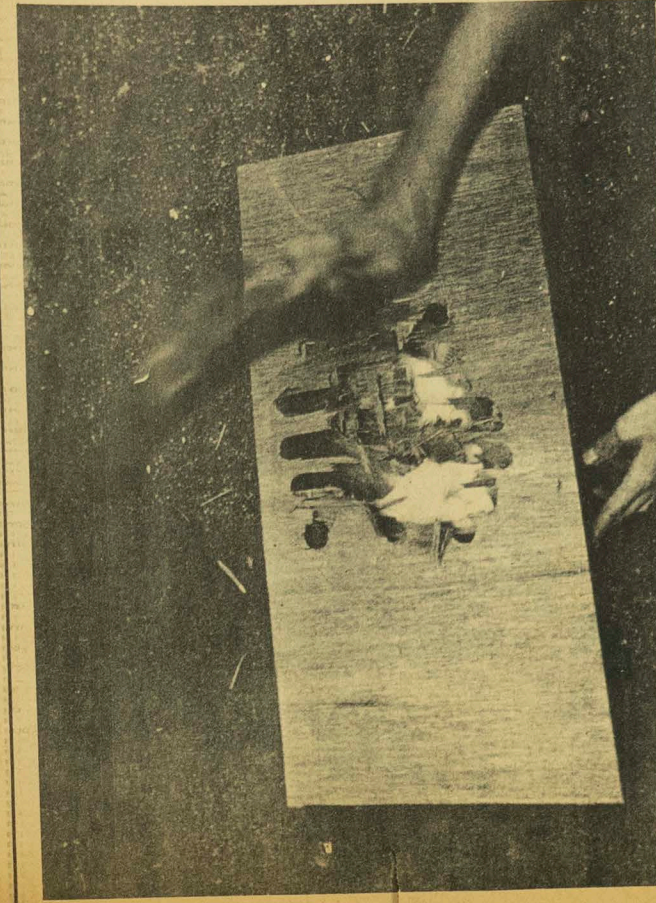
nunca padrão de coisa nenhuma. O número UM de cada coisa. EU, homem.  
 Loucura pré-monitórias das urnas-quentes: tambor fechado onde a marreta bate e rompe a vista do texto-síntese ou iconográfico.  
 Nu. Entre frestas dos pré-conceitos o ato poético: silêncio sem morte. O dizer sem palavras. Cru. Brando. E vivo.  
 Por que indagar das negociações? por que repreendê-lo por mostrar-se pele e osso?  
 Porque o nascer-se cada um dentro de si mesmo naquele momento, foi mais feroz e sofrido e insuportável que o cheiro das coisas podres. Ora, um homem é formado de: cabeça, tronco e membros.

Janaina



Esta era a planta da exposição que Antônio Manuel deveria ter aberto esta semana no Museu de Arte Moderna do Rio. Exposição que ele resolveu transferir para um jornal, numa proposta de comunicação de massa. Com os mesmos elementos que figurariam na exposição do MAM, apenas agora sob uma outra apresentação. É a "Área do Silêncio - 1973"

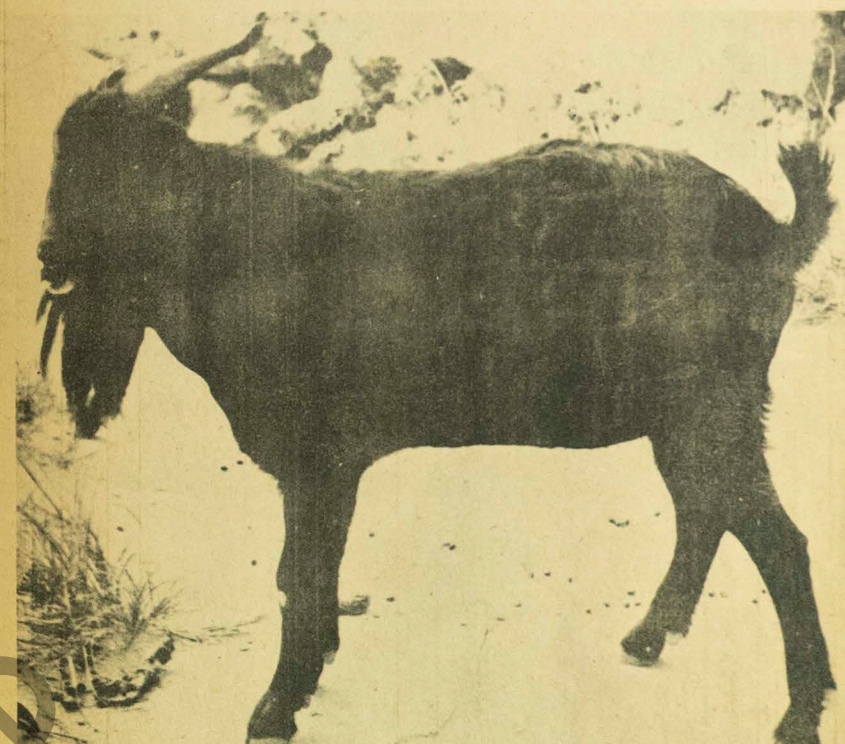
# 1ª proposta URNAS QUENTES



hélio oiticia  
 new york  
 22 abril, 73  
 URNAS QUENTES de ANTONIO MANUEL  
 re-texto feito em londres, 1968  
 o flan q era desenho ou gravura-matriz torna-se elemento-cerne encerrado na caixa caixa fechada q é aberta a marteladas: pra possuir-se o código poético tem-se q violar a integridade do objeto-caixa acabado: ACABAR COM O ACABADO  
 dentro o flan é não-gravura não-poster não-serigrafia  
 concreto-virgem descoberto  
 o impresso em estado pré-jornal como ícone do diário (DOLO-HEROI) tópico do dia-dia comi-trágico aprender imagem-carço caindo do martelar  
 no scrap da notícia no torpor da repetição  
 injusticar do dia dia cinza linotipado copydescagem da miséria nem carta nem mensagem  
 OBJETO RESULTADO EM não-profit  
 URNA QUENTE: calor de antes mesmo q depois q depois do martelar-poema sem  
 RESULTADO  
 ato fato limite escapreado

# 2ª proposta O BODE

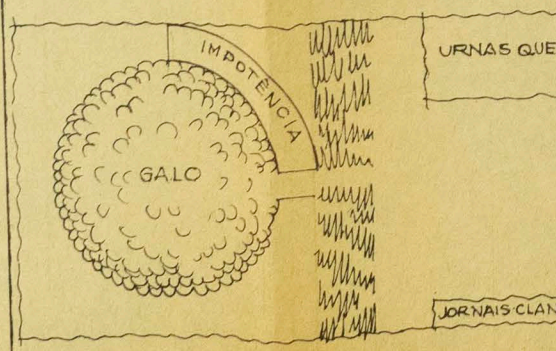
elementos vivo dentro do espaço MAM - simbologia do mal - elementos desrepressivo



O mal me cheirou lúdico o mal se chegou amigo e poético. O maligno bode se transformou numa insaciável busca de amor  
 MALIGNO BODE  
 que cheiro bom tem neste mal? o criador está encorporado desde a primeira marrada lúdica e descontraída que se deu na MATA.  
 Ser mal?  
 Se o maligno bode é o símbolo total de toda a carga do mal - com toda a densidade desse mal é fundamentalmente símbolo de liberdade.  
 Antônio Manuel

que uma confusão a tudo o que você fez - inclusive a arte pobre e a arte que se desmancha na ocasião. Você deu um exemplo. Foi de uma exemplaridade, nesse processo, extraordinária. Você foi ao fim de todo esse processo. De um modelo de uma arte que não é obra, a arte que se desmancha em si mesma - na ação. Criativa e se desmancha.  
 Os outros ficam sempre numa espécie de representação - é a representação de uma idéia. Você foi a realização de uma idéia - a conclusão de uma idéia. Isso é bonito, é uma coisa de um grande significado. Isso é uma coisa genial.  
 Você apresentou a obra - o ato - irresistível e ao mesmo tempo irrepimível. E ninguém pode impor uma exclusão. Não há regulamento nenhum que impeça que a obra se faça, o ato se faça. Você desmanchou todo o regulamento do salão, toda a burocracia da arte.  
 "Não adianta." "Não deixa." "Não pode apresentar." Bem... não pode apresentar a obra de arte, mas ela se faz! está aqui independente de estar pregada no salão. Isso eu acho uma coisa importantíssima. Mas importante do que tudo o mais.  
 E é todo esse capítulo da atividade-criatividade que é a coisa fundamental do mundo de hoje - mundo de contestação - de recusa à sociedade de consumo de massa - da massificação - da cultura de massa.  
 Eu, aliás, ia propor na Bienal passada: arte moderna, depois arte pós-moderna, depois ambiental - arte-ambiental.  
 Duas espécies de arte ambiental: existencial - é a que se faz no Brasil - pois nós não temos tecnologia; e arte ambiental abstrata - a arte da tecnologia. Depois disso, além disso - é a atividade-criatividade.  
 Tomem conta do mundo. Realizem o mundo do futuro.  
 Criem uma situação nova de homens para homens.  
 Além disso é de uma negatividade absoluta; toda a negatividade é-criativa. Rompe todos os tabus, leva ao fim de todos os tabus, no tempo todo, no plano ético, no plano sexual, moral - no plano criativo.  
 HUGO - tua atitude, Antônio, é tão criativa, que a própria discussão do troço, como que abre perspectivas - uma abertura...  
 MÁRIO - pois é. Transcende o plano da discussão puramente estético - em função de uma obra. É a própria vida. Não se discute mais uma obra feita, mas uma ação criadora. É uma arte eminentemente de vanguarda. É um aspecto da revolução cultural, onde se rompem os tabus.

que estava o resto da minha...  
 ALEX - eu acredito que todos que estavam lá, no salão, se sentiram fazendo aquilo.  
 Cada pessoa que aplaudia, estava se despidindo.  
 MÁRIO - exato, exato, um poder de comunicação acima da comunicação de massa, acima da teoria da informação. Isso, é a única coisa que se opõe de novo a essa sociedade de consumo. Então, a época moderna é uma época à procura exatamente da autenticidade final das coisas, das atitudes, e tal. Para romper com a mistificação da sociedade de consumo de massa, e medição da cultura de massa, porque a única coisa que se opõe hoje à cultura de massa é a revolução cultural. Cultura de massa existe fundada num folclore do urbano. É uma média. A média que alcançava então para a média do público; ninguém existe individualmente. Existe uma média - uma média de tudo - que tem um poder de comunicação formidável. Mas ela não é autêntica. Ela é um intermediário - uma mediação. Ela só é autêntica em função de uma aceitação do imediato, do cotidiano.  
 Então a arte é a única maneira de romper com esse tabu, para por os problemas nas suas autenticidade final. Então, um ato em si. A comunicação não se faz através de médias. Não é a média que se comunica com os outros - é o fato em si - a unidade fundamental irreduzível do homem, que se comunica com o outro. Esta é que é a relação - a comunicação fundamental que está por baixo de tudo isso - faz parte da revolução cultural - total - contra o "status quo" - contra o "establishment". Daí a importância enorme, transcendente do fato.  
 A arte é a única coisa que é contra a entropia do mundo. Cada no estado de homogeneidade da morte - arte, foi sempre assim, mas ela precisa chegar às suas origens. É a um despojamento total.  
 Você colocou tudo o mais num plano estético. Toda aquela problemática da arte pobre etc... também fica no plano estético, porque não reúne, ao lado do plano criativo, o lado ético. Você colocou de uma maneira esplêndida o problema ético. Toda a arte de hoje - toda atividade-criatividade. O problema ético aparece de uma maneira espantosa - porque só tem significação a partir do problema ético. Toda aquela arte que se propõe a não fazer nada - é uma atitude - é um ato - mas o ato o que significa? um anti-cotidiano. Aí fica no plano estético, por exclusão. Ao passo que com sua atitude, Antônio, todos os elementos estão presentes - inclusive o lado ético é fundamental.



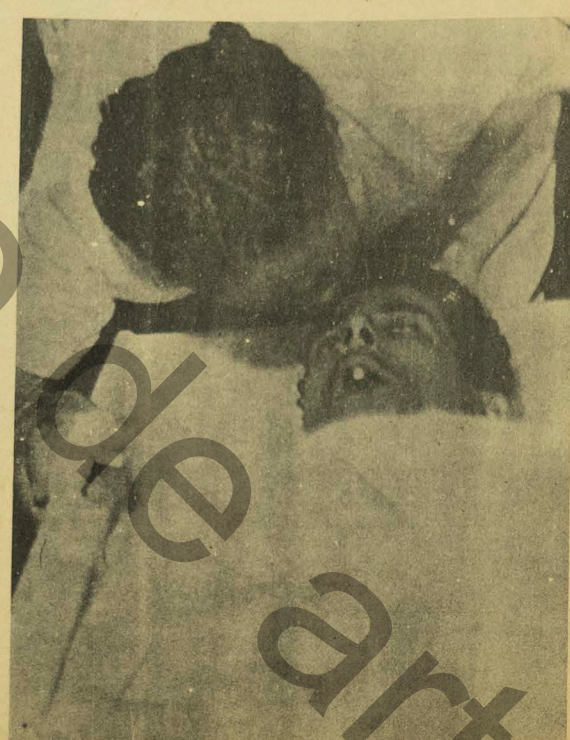
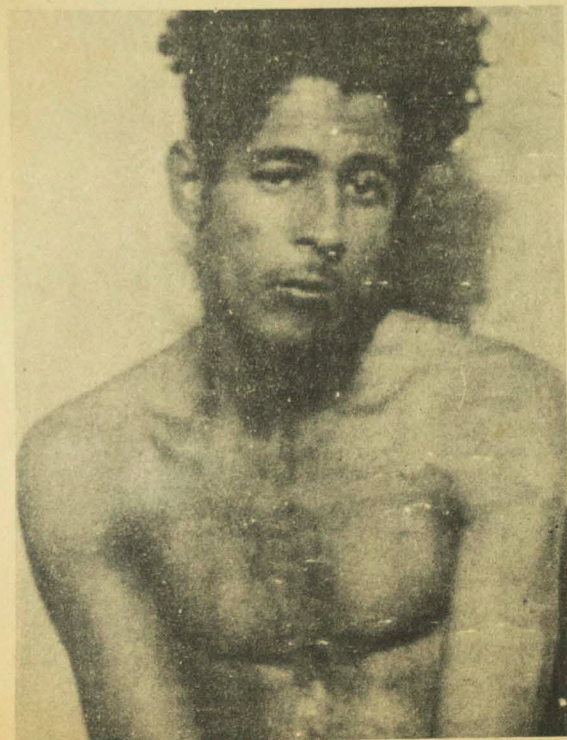


# 3ª proposta

# MARGLIANOS

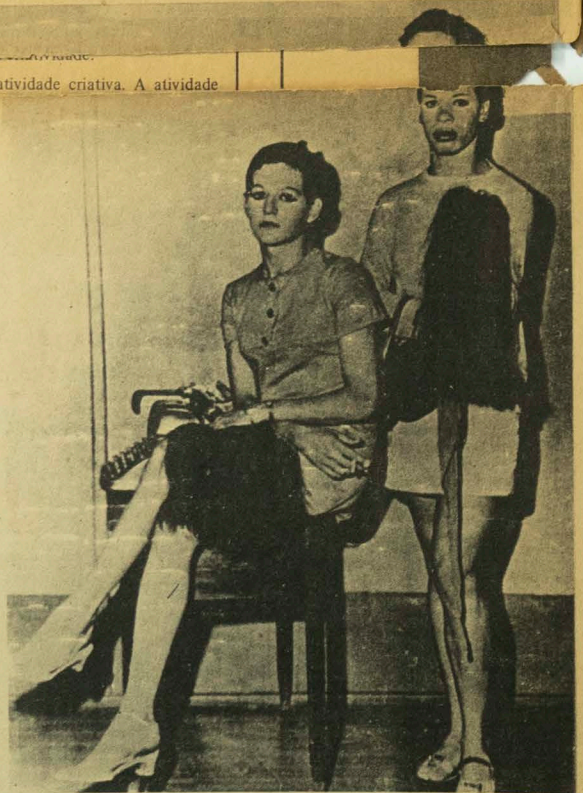
brincar com o poético, algo lúdico e descontraído  
o amor é o veículo para as totalidades  
o amor é a totalidade  
brincar com as emoções, descobrir o novo significado de cada coisa.

ANTÔNIO MANUEL



Meu silêncio é profundo e total quero apenas tomar sorvete na padaria da zona norte

Sabedoria — a consciência — da criação  
É atividade criativa. A atividade



o rei mandou dizer que ninguém toque nas frutas do seu pomar



o rei mandou dizer que ninguém toque no seu amor



"Com a marca profunda na carne, o sonho acabou"  
- 1973



# 4ª proposta

# CLANDESTINAS

Juventude peronista repele o terrorismo

"BETO ROCKFELLER" MATOU AMANTE

**THE COCK OF THE GOLDEN EGGS**  
Médico do hospital afirma

**O DIA 50**  
SELEÇÃO PARTE HOJE E JOGA DOMINGO EM ARGEL

**Indígenas de ferida**

**A princesa e o plágio**

**Parque de Indaiá, alta tecnologia de El de Almas**

**Intervenção cultural e temporária de São Paulo**

**BANDIDOS FUZILAM POLICIAIS**

**Nixon recusa-se a depor no escândalo Watergate**

Tabela de aumento dos benefícios no INPS

**CONFLITOS E MORTES NA ARGENTINA**

Confusão no MAM  
**PINTOR MOSTRA POS - ARTE**

**O DIA 50**

**Bandido milionário esconde o tesouro**

**Bala de rifle matou menor**

**Incêndio de misseria**

**CHIQUINHO CONTRA A BOLÍVIA**

**Sambista achou 65 milhões e devolveu**

Super-jornais, interferência no veículo de massa O DIA, com elementos poéticos

Antônio Manuel se projeta novo Antônio Manuel, pode ser múltiplos, mas prefere ser único, ou, pelo menos, único bem poucos. Depois da notícia, news, por outros, público e audiência, milhões, uns poucos resolvem transformar-se em notícia para uns poucos: and- os três, notícia, comportamento para um anti-público e altamente sofisticados. o sistema usando o artista pode ser trágico; o contrário, pelo menos, engraçado, o sistema se supõe normalmente racional; o artista-evento, normalmente irracional, um ruído. em todo caso, o primeiro detém o dinheiro junto com uma fajuta tábuas de valores, o segundo recusa-se a ganhá-lo, se não engulirem, ou fingirem engulir, a sua anti-tábua.

os atos quotidianos são como as vielas de veneza: suportáveis porque conduzem à apoteose de uma praça são marco, o artista o suporta, rotina marginal, até o glorioso tempo lugar de representar o ato para si mesmo — e para uma coisa-medium e/ou testemunho que o regista. ao projetar-se ato, o artista lá se projeta signo — uma compulsão: ele é um signo-addict, virado linguagem, pode manipular simulacros, modelos, de integração social e se insere manchete de jornal, em tiragem limitada ou separata, junto a outras gentes-signos de sua eleição, os chamados marginais de um público maior. aqui, a subtração transa com os salões e museus e bancos e marchando o modelo criado pelos românticos, vie de bohème, revolução industrial, — a volta à natureza, ontem; a ecologia, hoje — mantém-se, sincrónico.

a leucemia da linguagem não deixa vaza para o que se chama vida e homem. o andróide é o homem-signo projetado pela aspiração ou compulsão de progresso do homem. talvez que a noção corrente de reificação deva ser revista, se o homem era o homem do antropóide, o andróide é o homem do homem, um novo humanismo implica o fim do progresso linear. o homem tem que estruturar-se, projetar-se sincrónico para superar o projeto de progresso andróide. o biológico ainda é um evento surpreendente. o ato sexual é a sua piazza san marco, ou matar, ou morrer, tem o mesmo grau de surpresa — e de liberdade de uma pantera num zoológico.

**PRESO POLICIAL ACUSADO DE MATAR A PROFESSORA**

**CHUPAVA SANGUE DANDO GARGALHADAS**

**Estado constrói parque para proteção da fauna e da flora**

**Execução a qualquer momento**

**Noivos assassinados**

**NAZISTAS SABOTARAM AVIÃO RUSSO**

**Governo pune frigoríficos que lesavam a população**

**ALMA DE BANDIDO APARECE GEMENDO**

**PINTOR ENSINA DEUS A PINTAR**

**Causa espanto no hospital o homem da pele colorida**

**"Gangsters" mirins**

**Rodrigues Neto é indicado para o lugar de Zé Maria**

**174 TRAFICANTES FUZILADOS**

**Gang leva 300 milhões do Banco do Brasil**